



Volume III – Novembro de 2008 - <http://www.revistaexagium.com>

“Todo poder à imaginação!” Marcuse e a revolução surrealista

Aléxia Bretas*

Resumo

Publicada recentemente no volume *Art and Liberation*, a correspondência trocada entre Herbert Marcuse e o grupo surrealista de Chicago, entre 1971 e 1973, vem confirmar o significado e a persistência do interesse do filósofo pela revolução sensível anunciada pelo movimento. Vale lembrar que, apesar das divergências, a afinidade entre eles já havia sido indicada no texto sobre Aragon, de 1945, bem como em *Eros e Civilização*, dez anos mais tarde. Além disso, *Um ensaio sobre a liberação*, de 1969, é expressamente dedicado aos jovens estudantes que uniram Karl Marx e André Breton, colocando em marcha uma radical transvaloração dos valores por modos de vida qualitativamente diferentes. Neste processo, como veremos, o choque produtivo entre a tônica revolucionária e uma certa *démarche* “surrealista” desempenhará um papel determinante no tratamento desta nova sensibilidade como fator de caráter irredutivelmente político. Esta pesquisa tem o apoio da FAPESP.

Palavras-chave

Marcuse – Revolução – Grande Recusa – Surrealismo – Sensibilidade – Imaginação

O tratamento marcusiano da estética¹ já foi considerado idealista, romântico ou mesmo “estetizante.” Além das diatribes,² os eventos históricos que envolvem sua recepção não-especializada tornam a discussão do tema ainda mais problemática do ponto de vista acadêmico. Sobretudo a partir dos anos 60, tanto as apropriações quanto os equívocos se multiplicariam, sendo transportados das ruas à mídia, e daí para os

departamentos de filosofia.³ Pelo menos em relação aos textos estéticos de Marcuse, prevalece um certo consenso quanto ao reconhecimento de uma virada nos últimos escritos, responsável, por assim dizer, pelo abandono de Schiller e Marx em prol de Adorno. Segundo tal perspectiva, o filósofo teria se esquivado das aporias do campo político, buscando asilo na *Teoria estética* e na autonomia da forma artística.⁴ Esta pesquisa, contudo, não toma esta via de leitura. Antes, opta por percorrê-la a contrapelo. Isto quer dizer que, malgrado os desafios, buscaremos extrair do cruzamento mesmo entre a arte e a transformação social o epicentro de sua tão vilipendiada concepção estética.

“A imaginação no poder!”

A um só tempo, festejado e criticado como porta-voz da contracultura dos *Sixties*, Marcuse chegaria à grande imprensa como “ídolo dos estudantes rebeldes” (Le Nouvel Observateur), “*maître à penser* dos esquerdistas,” (L'Humanité), “mentor intelectual dos estudantes em cólera” (Le Monde), “professor que Rudi Dutschke⁵ tirou das sombras” (Le Figaro). Em Berlim, ficaria famosa a bandeira com a divisa dos “Três M”: Marx, Mao, Marcuse. “Marx é o profeta, Marcuse seu intérprete, Mao seu gládio,” completariam os jovens italianos. Vale lembrar que *One-dimensional man* aparece na França ao mesmo tempo que as primeiras barricadas de Paris, adquirindo, ao lado de *Eros e civilização*, o valor de símbolo do Maio de 68.⁶ Já *O ensaio sobre a liberação* é expressamente dedicado aos “jovens militantes” que uniram Karl Marx e André Breton numa “total transvaloração dos valores” por modos de vida “qualitativamente diferentes.”⁷ Diante das coincidências, Marcuse admite sua enorme popularidade entre o

Pouvoir Étudiant,⁸ mas avisa: “Os que se revoltam em meu nome não leram nem mesmo os meus livros.”⁹

Ainda assim, entre aqueles que alegam conhecer, de fato, sua obra, a apreciação das idéias marcusianas não deixa de ser polêmica. Contrariado pela leitura filosófica de Freud realizada pelo autor de *Eros e civilização*, Laplanche, em matéria publicada pelo *Le Monde*, é categórico: “Reserva prática e prudência teórica [de Freud] expõem-se a uma crítica sócio-política fácil demais, atitude inicial e incessantemente renovada pelo freudo-marxismo: a última tentativa, dentro desta linha, é a de Marcuse.”¹⁰ Depois de equiparar a elaboração marcusiana à de teóricos como Wilhelm Reich, o psicanalista assegura: “A hiper-ortodoxia apregoada pelo autor recobre um certo número de escolhas mascaradas e não criticadas entre o conjunto dos conceitos psicanalíticos.”¹¹ Em suma, Laplanche censura em *Eros e civilização* a problemática abolição de conceitos psicanalíticos fundamentais, cuja tensão dialética seria a base mesma da metapsicologia freudiana. Como exemplo destas elisões não-autorizadas, ele cita os últimos termos dos binômios formados pelo id e o inconsciente, pelo instinto e a pulsão, pela repressão e o recalque. E conclui: “O projeto de examinar o pensamento freudiano como uma *filosofia*, e somente como tal, não é capaz senão de tangenciar o essencial da descoberta científica de Freud, a qual é heterogênea a todas as elaborações filosóficas concernentes à natureza humana.”¹²

Por sinal, Laplanche não é o único insatisfeito. Ainda no mesmo suplemento, Roger Garaudy critica a efetividade do elo entre a teoria e a ação revolucionária em *One-dimensional man*. Resumidamente, suas objeções se concentram em quatro tópicos principais. Segundo o marxista,¹³ 1) a confusão entre a negação dialética (determinada e concreta) e a negação total da “Grande Recusa” teria resultado na mesma “abstração de revoltado” que Sartre reprovava em Camus; 2) a análise histórica operada por Marcuse

teria extrapolado arbitrariamente as condições próprias aos Estados Unidos, culminando com o fim da convicção de que a classe trabalhadora pudesse desempenhar um papel revolucionário; 3) em última instância, a visão do filósofo se basearia na assimilação do marxismo a suas perversões dogmáticas; 4) tal perspectiva teria resultado numa tentativa desesperada de atribuir a um grupo de intelectuais e ao proletariado do Terceiro Mundo uma “função apocalíptica” de negatividade. Por tudo isso, Garaudy é enfático: “O problema inicial colocado por Marcuse não é resolvido: o pensamento teórico não se apóia mais sobre o real, desembocando num pessimismo impotente e numa revolta abstrata.”¹⁴

Entre os extremos polares cristalizados nos bordões do otimismo festivo de *Eros e civilização* e do pessimismo inoperante de *One-dimensional man*, esta primeira recepção de Marcuse teria ela própria sucumbido às fórmulas “unidimensionais,” paradoxalmente, criticadas com base nos cânones – tanto marxistas, quanto freudianos. Assim, para além do discurso empedernido das ortodoxias, buscaremos aqui explorar as sendas abertas por um terceiro viés interpretativo – menos oficial, mais criativo – cujo ponto de fuga é dado pelo encontro fecundo entre a tônica revolucionária e a atitude “surrealista,” ambas certamente determinantes para a compreensão do lugar, de fato, ocupado pela teoria estética na experiência intelectual deste autor.

A arte da Grande Recusa

Em “Arte como forma da realidade,” de 1969, Marcuse esboça a tese que resume o cerne de sua incipiente concepção estética: “Como parte da cultura *estabelecida*, a Arte é *afirmativa*; como *alienação* da realidade existente, a Arte é uma força de *negação*. A *história da Arte* pode ser entendida como a *harmonização deste*

antagonismo.”¹⁵ Bastante esquemática, a sentença tem o mérito de colocar em evidência aquilo que muitos de seus comentadores têm insistido tenazmente em ignorar: os escritos marcusianos só podem ser entendidos – e, portanto, criticados – quando se consideram os movimentos próprios à sua articulação dialética. Em consequência, ainda que os aspectos ditos “positivos” mereçam grande destaque em trabalhos como *Eros e civilização*, e os elementos tidos como “negativos” sejam especialmente enfatizados em *One-dimensional man*, os dois pólos nunca poderiam operar em separado, devendo, pois, ser abordados a partir dessa insolúvel tensão produtiva. Esta, aliás, é a chave para se evitarem leituras reducionistas de algumas de suas mais auspiciosas categorias estéticas.

Como a da “grande recusa,” por exemplo.¹⁶ O termo pelo qual o nome de Marcuse se tornaria mundialmente famoso é utilizado pela primeira vez em “Algumas considerações sobre Aragon,” de 1945, reaparecendo também em *Eros e civilização* dez anos mais tarde, e depois ainda no *Ensaio sobre a liberação* (1969). Redigido sob o impacto dos regimes nazifascistas, aquele primeiro texto toma o surrealismo como estudo de caso e, com base em Aragon,¹⁷ discute o viés entre a arte e a política na era das grandes ditaduras. Atento à incorporação do potencial subversivo das vanguardas pelos expedientes coercitivos, não apenas do Estado totalitário, como também da então emergente “indústria cultural,”¹⁸ Marcuse adverte: “As forças revolucionárias que deveriam promover a liberdade estão sendo assimiladas pelo sistema de controles monopolistas que tudo abrange.”¹⁹ Antecipando um dos principais *mottos* de *One-dimensional man*, o filósofo chama atenção para a implacável cooptação da estética pelas leis de mercado e seus protocolos de positivação: “A exposição dos campos de concentração produz *best sellers* ou filmes de grande audiência. A arte revolucionária se torna modismo e clássica. *Guernica* de Picasso é uma peça de museu reverenciada.”²⁰

Diante da desativação do vetor emancipatório das obras por sua adesão mimética à forma-mercadoria, Marcuse sublinha o caráter irredutivelmente dialético das grandes criações artísticas, e reforça: “A arte, como instrumento de oposição, depende da força alienadora da criação estética: de seu poder em permanecer estranha, antagônica, transcendente à normalidade e, ao mesmo tempo, ser o reservatório das necessidades, faculdades e desejos reprimidos do homem.”²¹

Sendo, paradoxalmente, “mais real do que a própria realidade,” a arte se converteria no agente privilegiado daquilo que o autor, inspirado em Whitehead, chama de “grande recusa.” Marcuse cita: “A verdade de que alguma proposição referente a uma ocasião real seja não-verdadeira pode expressar a verdade vital relativa à sua realização estética. Expressa a 'grande recusa' que é a sua característica primordial.”²² A despeito de suas anotações sugerirem o apoio à *démarche* surrealista que defende a dissolução da arte na vida, Marcuse não hesita em ressaltar a importância da incompatibilidade entre a forma artística e a forma da realidade, a fim de que aquela primeira não seja inteiramente subsumida por esta última. Onde se referir ao estranhamento produzido pela negação desta “sobre-realidade” como “instrumento artístico-político” de grande valor revolucionário. Ele escreve: “A alienação promovida pela arte pode fornecer, na mais total opressão, a base artificial para a memória da liberdade.”²³

Pois é somente a partir da linguagem, das imagens e das experiências artísticas que a utopia de um outro mundo *se mostra*, ainda que precariamente, possível aos homens e mulheres. Sua realização, contudo, já não é mais tarefa da arte – que, segundo Marcuse, apenas *indiretamente* deve ser política. O filósofo constata: “O político está sendo despolitizado, e deste modo se torna o político verdadeiro. Arte e política encontram seu denominador comum.”²⁴ Ciente dos riscos inerentes à “estetização da

política”, o autor admite o impasse de a transformação social não ter sido enfim alcançada, apesar de terem sido atingidas as condições históricas, materiais e artísticas requeridas para isso. Tal contradição, aliás, leva-o a assumir a questão da efetividade de sua elaboração dialética, e repor em pauta a pergunta que não quer calar: “Em meio aos mecanismos da cultura de massas, que tudo assimilam, *como* poderia a arte recuperar sua força alienadora, continuar a expressar a grande recusa?”²⁵

Marcuse e a Revolução Surrealista

Naquele que já foi chamado de “o mais marcusiano dos livros de Marcuse,”²⁶ *Eros e civilização*, o filósofo ensaia uma resposta. Depois de comentar o que entende por “valor de verdade da imaginação,” Marcuse defende o resgate da fantasia como gesto de protesto contra o esquecimento daquilo que *pode ser*. Com Whitehead e André Breton, ele ressalta a função crítica da imaginação, chamando atenção para sua importância, no limite, política como ato de resistência contra as limitações impostas à liberdade pelo princípio de desempenho. Citando o “Manifesto do Surrealismo”, de 1924, ele escreve: “Reduzir a imaginação à condição de escrava, ainda quando disso dependesse o que é grosseiramente chamado de felicidade, seria atraiçoar o supremo imperativo de justiça que se encontra no íntimo de cada um. Somente a imaginação é capaz de mostrar-me aquilo que *pode ser*.”²⁷ De acordo com Marcuse, os surrealistas teriam sido os primeiros a se apropriarem do enorme potencial revolucionário contido nas teorias de Freud, ultrapassando, contudo, a metapsicologia *tout court*, ao sustentarem a possibilidade de um outro arranjo social, no qual a fantasia e a realidade não se oporiam, constituindo, antes, o direito e o avesso de um mesma “Sobre-

realidade” (*Surréalité*) – num certo sentido, mais verdadeira que a própria normalidade autorizada como tal.

Aqui, ficam bem claros os pontos de refração entre a proposta surrealista de validação de uma *outra* realidade cujo modelo é o sonho, e o projeto marcusiano de reconciliação da razão com a sensibilidade, deduzida de uma certa leitura “gótico-marxista”²⁸ de Kant. Tanto que, em carta datada de 12/10/1971, endereçada a Franklin Rosemont do grupo surrealista de Chicago, Marcuse mesmo admite: “É um tanto quanto reconfortante ver como nossas linhas de pensamento convergem.”²⁹ Já em artigo publicado pela primeira vez na revista Arsenal, em 1989, Rosemont, por sua vez, reconhece:

“O encontro de Marcuse com o surrealismo aconteceu numa rua de mão dupla. Seu magistral comentário sobre Hegel, sua apaixonada explicação do ‘poder do pensamento negativo,’ sua crítica à ‘razão repressiva,’ sua iluminadora exploração do trabalho de Freud, suas valiosas noções de ‘mais-repressão’ e ‘dessublimação repressiva,’ sua vigorosa polêmica contra os revisionistas neo-freudianos e outros ideólogos conservadores (Karl Popper, por exemplo), sua visão libertária de um marxismo sempre aberto e inspirado pelo erótico e pelo poético: estes foram importantes fatores no desenvolvimento do surrealismo nos anos 60 e 70, especialmente nos Estados Unidos, mas também em outros países.”³⁰

Marcado por um clima de camaradagem recíproca, o primeiro encontro entre Marcuse e o grupo acontece por ocasião da segunda conferência internacional da revista Telos, em novembro de 1971. O evento assinalaria o início de uma simpática troca de correspondências, cujo tema lançado pelo então jovem surrealista colocaria em debate a “viabilidade presente e futura do surrealismo.”³¹ Longe de abordar a questão pelo viés protocolar, seja da crítica, seja da história da arte, Marcuse busca alinhar suas idéias, a partir do tratamento filosófico da arte *como índice de um outro possível*. Pela via improvável de uma leitura surrealista de Hegel, o autor sentencia: “A arte é a imagem do potencial que aparece no universo da existência estabelecida.”³² Não obstante, ao

ênfatizar a tensão insolúvel entre as criações artísticas e a ação política propriamente dita, Marcuse pondera que a ruptura desta armação dialética poderia resultar no imediato “fim da arte,” mas não necessariamente no advento de uma sociedade livre. Assim, contra as figuras do engajamento didático à la Bertolt Brecht, bem como da dissolução da forma à la Living Theater, o autor elogia em artistas como Breton e Aragon o esforço maior de disparar o vetor essencialmente alienador da arte como força revolucionária, por excelência. Conforme explicita, a capacidade de “traduzir” criativamente a fissura entre o “universo dado” e o “universo possível” é o pré-requisito para a efetivação do potencial político das obras de arte. Na contracorrente dos paladinos da modernidade estética, o filósofo é, por isso, refratário em atribuir um grande valor artístico aos chamados *ready-mades* – quer de Marcel Duchamp ou Andy Warhol. Ele se justifica: “O urinol de Duchamp continua sendo um urinol mesmo num museu ou galeria; ele carrega sua função ‘real’ suspensa. Ao contrário, uma pintura de Cézanne permanece uma pintura de Cézanne mesmo no banheiro.”³³

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP e bolsista da FAPESP.

¹ Sobre a presença e o significado da estética no conjunto da obra do autor, vale conferir: 1) KELLNER, Douglas. “Marcuse, Art and Liberation” in MARCUSE, Herbert. *Art and Liberation*. Vol. 4. New York; London: Routledge, 2007. pp. 1-70; 2) SCHWEPPEHÄUSER, Gerhard. “Art as Cognition and Remembrance: Autonomy and Transformation of Art in Herbert Marcuse’s Aesthetics” in MARCUSE, Herbert. *Art and Liberation*. Vol. 4. New York; London: Routledge, 2007, pp. 237-256; 3) REITZ, Charles. *Art, Alienation, and the Humanities*. Albany and New York: State University of New York Press, 2000; 4) LUKES, Timothy. *The Flight into Inwardness*. London and Toronto: Susquehanna University Press, 1985; 5) KATZ, Barry. *Herbert Marcuse: Art of Liberation*. London and New York: Verso, 1982; 6) KANGUSSU, Imaculada Maria G. *Leis da liberdade: a relação entre a estética e a política na obra de Herbert Marcuse*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte, Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG, 2001. 296 p.; e 7) BARBOSA, Ricardo. “Marcuse e a crítica estética da modernidade: uma nova educação estética?” CD-ROM Colóquio Dimensão Estética: homenagem aos 50 anos de *Eros e Civilização*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2006.

² Sobre as vicissitudes que envolvem a problemática recepção do filósofo, cf. COBB, W. Mark. “Diatribes and Distortions: Marcuse's Academic Reception”. In: ABROMEIT, John e COBB, W. Mark (orgs). *Herbert Marcuse: a Critical Reader*. Nova York; Londres: Routledge, 2004, pp. 163-187. Sobre a hipótese de uma tendência de revitalização nas pesquisas sobre o autor, cf. KELLNER, Douglas. “A Marcuse Renaissance?” p. 25-267. In: BOKINA, John e LUKES, Timothy L. (org). *Marcuse: from the New Left to the Next Left*. Lawrence: Univesity Press of Kansas, 1994. pp. 245-267.

³ Também no Brasil, Isabel Loureiro lembra que Marcuse não chega propriamente pela porta de entrada

da academia – que “torcia o nariz” para a filosofia “pop” associada ao autor –, mas como ícone do movimento dos estudantes, que o fizeram famoso sobretudo na França. Somente a partir dos anos 90, com a publicação de materiais inéditos do Arquivo Marcuse em Frankfurt, é que começam a ser corrigidos os mal-entendidos da recepção precária das décadas precedentes. LOUREIRO, Isabel. “Reificação e unidimensionalidade do homem: Herbert Marcuse e a crítica da sociedade capitalista avançada.” Conferência proferida por ocasião do ciclo de palestras “Pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção no Brasil” realizado pelo Goethe-Institut de São Paulo, de 10/09 a 26/11/2007.

⁴ Cf. ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Ed. 70, 2006. Sobre os pontos de contato e afastamento entre Marcuse e Adorno cf. 1) MARCUSE, Herbert. “Reflexões sobre Theodor Adorno”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *A Grande Recusa hoje*. Petrópolis: Vozes. pp. 103-107; 2) DUARTE, Rodrigo. “Diferenças na concepção do estético em Marcuse e Adorno”. CD-ROM Colóquio Dimensão Estética: homenagem aos 50 anos de *Eros e Civilização*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2006; e 3) NICHOLSEN, Shierry W. “The persistence of Passionate Subjectivity: Eros and Other in Marcuse, by way of Adorno.” In: BOKINA, John e LUKES, Timothy L. (org). *Marcuse: from the New Left to the Next Left*. Lawrence: Univesity Press of Kansas, 1994. pp. 149-169.

⁵ Líder do movimento estudantil alemão.

⁶ Cf. FLORENNE, Yves. “L’Homme Unidimensionnel, de H. Marcuse.” *Le Monde Dipomatique*, Paris, jun. 1968, p. 15. Sobre o significado dos eventos que marcaram o chamado “Maio de 68” na França, cf. LEFORT, C., MORIN, E., COUDRAY, Jean-Marc. *Mai 1968: la Brèche*. Paris: Fayard, 1968; TOURAINE, Alain. *Le Movement de Mai ou le Communisme Utopique*. Paris: Ed. du Seuil, 1968; COHN-BENDIT, Daniel. *As revoltas de 1968*. São Paulo: Brasiliense, 1987; e MATOS, Olgária. *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

⁷ MARCUSE, Herbert. *An Essay on liberation*, p. 22.

⁸ Cf. MALLET, Serge. “L’idole des étudiants rebelles: Herbert Marcuse”. *Le Nouvel Observateur*, Paris, pp. 5-11, 8 mai 1968.

⁹ “Le professeur Marcuse: ceux qui se révoltent en mon nom n’ont même pas lu mes livres”. *Le Monde*, Paris, 16 ago 1968.

¹⁰ LAPLANCHE, Jean. “Instinct et société”. *Le Monde*, Paris, Supplement au numero 7512, p. IV, 8 mar 1969.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem. Sobre a controversa leitura marcusiana de Freud, cf. 1) HABERMAS, Jürgen. “Psychic Thermidor and the Rebirth of Rebellious Subjectivity.” In: BERNSTEIN, Richard J. (org). *Habermas and Modernity*. Cambridge: The MIT Press, 1991. pp. 67-77; 2) ALFORD, C. Fred. “Marx, Marcuse and pschycoanalyses: do they still fit after all these years?” In: BOKINA, John e LUKES, Timothy L. (org). *Marcuse: from the New Left to the Next Left*. Lawrence: Univesity Press of Kansas, 1994. pp. 131-146; 3) ROUANET, Sérgio Paulo. “Marcuse”. In: *Teoria Crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. pp. 198-256; 4) PRADO JR, Bento. “Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud”. In: NOVAES, Aduino (org). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. pp. 269-282; 5) FREITAS, Verlaine. “O dissonante e o demoníaco: a insuficiência do negativo na teoria erótica e estética de Marcuse.” CD-ROM Colóquio Dimensão Estética: homenagem aos 50 anos de *Eros e Civilização*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2006; e 6) SAFATLE, Vladimir. “Marcuse e as metamorfoses da pulsão.” CD-ROM Colóquio Dimensão Estética: homenagem aos 50 anos de *Eros e Civilização*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2006.

¹³ Sobre a inscrição do pensamento de Marcuse no horizonte mais amplo de uma tradição “marxista,” sob diferentes perspectivas interpretativas, cf. 1) KELLNER, Douglas. *Herbert Marcuse and the Crisis of Marxism*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1984; 2) KELLNER, Douglas. *Critical Theory, Marxism and Modernity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989; 3) JAMESON, Frederic. “Versions of a Marxist Hermeneutic: Marcuse and Schiller”. In: *Marxism and Form*. New Jersey: Princeton University Press, 1974. pp. 83-116; 4) MÉSZÁROS, István. “Os dilemas da ‘Grande Recusa’ de Marcuse”. In: *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004. pp. 203-210; 5) WOLFGANG, Leo Maar. “Marcuse: em busca de uma ética materialista”. In: MARCUSE, Herbert. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. pp. 7-35; 6) LOUREIRO, Isabel. “Herbert Marcuse: anticapitalismo e emancipação”. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 28, n. 2, 2005; e 7) VAISMAN, Ester. “A leitura marcuseana de Marx: algumas aproximações”. CD-ROM Colóquio Dimensão Estética: homenagem aos 50 anos de *Eros e Civilização*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2006.

¹⁴ GARAUDY, Roger. “Le vertige du grand refus”. *Le Monde*, Paris, Supplement au numero 7512, p. IV, 8 mar 1969.

¹⁵ MARCUSE, Herbert. “Art as Form of Reality”. In: *Art and Liberation*. Vol. 4. New York; London: Routledge, 2007. p. 143.

-
- 16 Sobre a pertinência do conceito marcusiano, cf. MAAR, Wolfgang Leo. “Ideologia, tecnologia e ‘Grande Recusa’: a atualidade de Marcuse.” In: CD-ROM Colóquio Dimensão Estética: homenagem aos 50 anos de *Eros e Civilização*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2006.
- 17 A esse respeito, cf. KANGUSSU, Imaculada. “As formas clássicas, a grande recusa, o absoluto e o amor”. In: Revista Olhar, ano 8, n. 14/15, janeiro a julho/agosto a Dezembro, 2006, pp. 139-146.
- 18 Cf. ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. “A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas.” In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. pp. 113-156.
- 19 MARCUSE, Herbert. “Algumas considerações sobre Aragon: arte e política da era totalitária”. In: *Tecnologia, guerra e fascismo: coletânea de textos de Herbert Marcuse*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 269.
- 20 Ibidem, pp. 269-270.
- 21 Ibidem, p. 270.
- 22 WHITEHEAD, A. N. *Science and the Modern World*. Nova Iorque: Macmillan, 1926, p. 228 *apud* MARCUSE, Herbert. “Algumas considerações sobre Aragon: arte e política da era totalitária,” op. cit., p. 270.
- 23 Ibidem, p. 288.
- 24 Ibidem, p. 276.
- 25 Ibidem, p. 270.
- 26 HABERMAS, Jürgen. “*Psychic Termidor and the Rebirth of Rebellious Subjectivity*.” In: BERNSTEIN, Richard (org). *Habermas and Modernity*. Cambridge: The MIT Press, 1991. p. 74.
- 27 BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Nau, 2001 p. 17.
- 28 Sobre a noção de “marxismo gótico” ver 1) COHEN, Margaret. “*Gothic Marxism*.” In: *Profane Illumination*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1993, pp. 1-15; e 2) LÖWY, Michael. *A estrela da manhã: Surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- 29 MARCUSE, Herbert. “*Letters to the Chicago Surrealists*.” In: *Art and Liberation*. New York, London: 2007, p. 179.
- 30 ROSEMONT, Franklin. “*Marcuse and the Surrealist Revolution*.” Arsenal 4 (1989), 31-38, 39-47. Disponível em: < <http://www.marcuse.org/herbert/pubs/70spubs/73surreal/arsenalindex.htm#top>>. Acesso em: 08/08/2008.
- 31 Ibidem, p. 33.
- 32 MARCUSE, Herbert. “*Letters to the Chicago Surrealists*”, op. cit., p. 181.
- 33 Ibidem, p. 192.